

O POPYRO.



PERIÓDICO QUINZENARIO LITTERARIO.

Redactores: Domenico Zanfiori e Livio Druso. — Proprietario Viriato Braziliense.

Publicado duas vezes por trimestre a 25000 por trimestre e por ano a 75000. Aceitásemos e não devesse ser...
Venda a retalho — o preço normal — 10000 a libra. No anno 200 rs.

Trimestre 1.º Trimestre. 21 de Setembro de 1881. Numero 5.

O POPYRO.

Poeta Caçador.

Deste nosso distincto comprovinciano (Thuridono de CARVALHO) damos hoje uma notavel composição, extrahida do n. 63 do periodico *Luz e Progresso*, de 16 de maio de 1864.

Foi esta bella poesia que o fez conhecido no mundo das lettras.

Aprechem-na os nossos leitores: para muitos dos quaes, deve ser ella uma agradável novidade, — como já o foi para outros ha dez annos.

O CANTO DO CAÇADOR.

Sou filho das selvas, sou toscão, grosseiro,
Sou brusco e selvagem, não sou trovador;
Eu tenho outras lidas, eu tenho outro emprego,
Que em talo me ajusta, eu sou caçador.

Se a lyra hoje empunha, se solto este canto;
Não quero tomá-lo-me por um trovador;
Eu canto inspirado das scenas sublimes,
Que encantão, que entesão quem o ouve e lê.

Com a clavina carregada e o arto,
E as aves pensão por logo a deitar;
Maltroucos ventos, ligeros, suaves,
Que gosto que eu acho, — na alca assa!

Meus simples prazeres, por bailes, theatros,
Torneios e jogos dos homens da praça,
Não troco; não valm torneios e jogos,
Theatros e bailes, — os gozos da caça.

A' margem de um lago, nas rochas de lua,
Com todo o socego na rede deitado;
Eu gozo o susurro d'aragem no bosque,
Contemplo os encantos de um céu estrelado.

E logo desperto do enlevo sublime,
Ouvindo as pisadas, subitas, de veado;
Na rede me sento, preparo a clavina;
Em torno reparo, com todo o cuidado.

Até que dos bosques, á praia do lago,
Eu noto-o sahindo com todo o vagar;
Aponto a clavina, deslecho sobre elle,
E o olho de envolta com a morte a lutar.

Apenas preparo de novo a espingarda;
Na rede, em socego, me torno a deitar;
Contemplo as estrellas, no lago brilhando,
E as nuvens correndo, liucando ao luar.

Eis noto uns estalos ao longe soarem,
Um surdo ruido, que imita o trovão;
Recrece os estalos, recrece o ruido,
Mil vultos descubro, da lua ao clarão.

São porcos bravios, queixadas chamadas,
Que os dentes estallo, qual bomba ao que brar-se;
Correndo e roncando, do lago — na lama
A grande manada já vejo deitar-se.

O tiro certo de novo rebenta,
Seu echo retumba no vasto sertão;
Que gosto que sinto, ao ver estendê-las
Tres porcos, e mais, de um tiro, no chão!

Então a clavina eu limpo de novo,
Depois a carrego, com todo o vagar;
Arrumo o patrona, n'um ramo a penduro,
E o rno em socego na rede a deitar.

Contemplo os mais d'elles, mais simples na vida,
Que leve na vida, sem ter que invejar;
Recolhe-se a noite, succede-lhe o dia;
As caças, correndo, vou logo apañar.

Dum porco rolço, com feia cortante,
Batalho, com gosto, nuni largo papada,
E noto a gordura que excita appetite,
E eu como a costella, nas brazas assada.

As pollos das caças com varas espicho;
Ao sol as estendo, depois, p'ra seccarem;
E quando cortadas, de roupa me servem,
Del'ndem-me a cutis de espina a arradarem.

Meus simples prazeres, por bailes, theatros,
Torneios e jogos dos homens da praça,
Não troco; não além torneios e jogos,
Theatros e bailes, — os gozos da caça.

De longa calça, busina preparo,
Que em tudo atrevida da caça o roncar;
Com ella, de noite, da casa distante,
E os cães amarrados, me vou emboscar.

Traando a busina no vasto planície,
Seu echo responde dos montes além;
Que g'ato alvoroço, que gosto indizível!
Eu noto que a caça responde também.

Eu deixo que a noite seu manto recelha;
Que a aurora derrame seu fixo clarão;
Que o astro do dia, do leito se erguendo,
Inunde com luzes o vasto sertão.

Alegre contemplo da aurora a belleza;
O hymno que entoão-lhe as aves cantando;
O zephyro brando, que ledo vagancia,
Das flores — no prado — perfume espalhando.

E eu calço as perneiras de pelles macias;
Depois de calçal-as eu tomo o gibão;
No hombro a clavina e a rigida lança;
No cinto, de um lado, penduro o facão.

De medo despido, com passos seguros;
Com os cães companheiros, amigos fieis,
Eu parto me rindo, de vel-os pulando,
Alegres, brincando, em torno aos meus pés...

Eu sigo no rumo que a onça roubeava;
Seu rasto de visco, gravado na lama;
Os cães a perseguem, correndo, latindo;
Explorão-lhe o fare, cheirando na rama.

E eu corro com pressa, gritando após elles,
A fim de excitar-lhes coragem, bravura;
Com animo forte, nas brechas me interno;
Não temo dos bosques medonha espessura!

Eu puxo de um lado, do cinto pendente,
Facão afiado, com elle picando;
Eu subo dos morros ao cimo elevado;
Eu desço para os valles, os cães procurando.

Até que bradarem, com força, já ouço;
Que chegue, que é tempo da onça matar;
Eu corro contente, desprezo o perigo,
E a horrída fera já ouço bramar.

E' n'uma medonha, sombria espessura
Que a onça tremenda se acha emboscada;
Dos ramos pendentes, das hirtas taboas,
O orvalho desprende-se a cada passada.

Então de gatinhas, com toda a cautela,
Tomando chegada na ponta do pé;
Espio no rumo que a onça resnando;
Estendo o pescoço, p'ra ver se dou fé.

Mais, eil-a que parte, com furia, bramindo,
Aos cães acoçando, querendo-os tragar;
E elles coitados, lá vejo-os correndo;
Com medo, gritando, vão longe parar.

A onça persegue-os a longa distancia,
Roncando e batendo c'as patas no chão;
Seus roncos medonhos retumbão no valle,
Tal como estampido de horrendo trovão.

Redobra com furia seus fortes bramidos,
E o Orbe em seus eixos parece oscillar;
Os tímidos brutos do bosque desertão,
E a terra percebo nos pés me fallar!.

Eu vou de mansinho, para ella me chegar;
Eu paro... examino... me torno a chegar.
Até que a descubro, deita-la me offendo,
A cauda movendo, já quasi a pular.

E logo que a vejo, que aponto a clavina,
Na boca terrível, que a morte vomita,
O cão satisfeito, pulando, contente,
Encrava-lhe os olhos, a vista lhe fita.

Até que de envolta com chammas e fumo,
A morte rebenta—voando lá vai;
A horrída fera, que sangue respira,
Rugindo, convulsa, sem forças já cai.

Então, de um só pulo, chegando-me a ella,
A lança lhe embebo no rígido peito;
O sangue espadana da larga ferida;
Já ella experimenta da morte o effeito.

E os cães quando ouvem do tiro o ribombo,
Arroçam-se a fera, cravando-lhe os dentes;
Ml vezes a mordem, com raiva, com gana,
Até que já morta se mostrão contentes.

Que gosto indizível de mim se apodera!
Que gosto que sinto, na casa ao chegar!...
Alegre, cercado de muitas pessoas
O horrível combate comêço a contar.

Teus bailes, theatros, torneos e jogos
Desprezo, não quero-os, ó homens da praça;
Só quero que deixes que eu goze em socego
Des gratos prazeres que encontro na caça.

Barras, janeiro de 1862.

Theodoro de Carvalho e Silva C. B.

Os cães do captivo.

(UMA RECORDAÇÃO.)

No dia 27 de janeiro de 1860, partia eu para Pernambuco, onde ia estudar; a fim de poder obter um pergaminho, como outro qualquer....

Na vespera, tinha eu composto uma « oração a São João Chrysostomo »—que eu havia constituido patrono (e por signal que bem máo foi elle) para os meus projectados estudos.

« Volvo os olhos humedecidos para o céu, no momento da partida, ao levantar da aurora; ao despedir-me de meu pai, de minha mãe, de minha irmã... »

Era assim que a minha oração começava.

Montei a cavallo e segui viagem pelo caminho de Caxias; por onde devia eu passar.

Esquecia-me de dizer adeus ao Lucas,—um moleque de 17 para 18 annos, que todos em nossa casa dizião ser meu.

O cavallo que me conduzia andou cerca de um quarto de legua,—quando avistei ao longe, no meio do caminho, um vulto preto:

Estava de basalto—similhava,

Na estrada—um marco!..

Era o pobre captivo que alli me esperava, para dizer-me adeus!

Approximando-me, vi-o debulhado em lagrimas; quando eu passei, estendeu os braços para as minhas pernas.

Curvando-me para o lado d'elle, abracei-o, tendo os olhos a berbulharem-me, como duas fontes nascidas n'arcia condescendente....

Eu parecia commovido; mas a verdade pede que se diga n'este momento—que eu era indigno que o escravo me enlaçasse com os seus negros, mas generosos braços!

Segui, cheio de confusão; envergonhado da lição que acabava de me dar o meu quasi companheiro de infancia!

Maldita seja a escravidão tyranna,

Maldita a sorte dos que tem escravos!

Ja eu ruminando pelo caminho, como um enfermo que delirava.

De pois, vinha-me ao pensamento esta questão penivel:

—Porque tem elle tamanha amisade a seu senhor? Acaso merece-lhe essa dedicação tão pura?

Isto perguntava-me a mim mesmo, com insistencia,—no fundo d'esse tribunal interno que se chama a « consciencia. »

O interrogado não achava uma resposta satisfactoria, para dal-a ao seu juiz invisivel!...

Para disfarçar, engendrei esta sextilha, que muito pouco poderá valer artisticamente fallando:

As lagrimas do negro, para o mundo,

Não valem uma gotta d'este orvalho

Que brilha sobre a relva!

*Já disse o Magalhães que esterilisa
A terra que barrou, com seu trabalho,
Na devastada selva!*

Oito mezes depois, eu achava-me de volta para o meu terrão natal: meu pai, que tivera o presentimento de me não ver mais, havia morrido! Eu, não podendo continuar em Pernambuco, por causa de tão rude golpe,—abandonei os estudos, que não foram mais reatados; todavia, algumas pessoas ainda hoje me chamão—senhor doutor—, mas é porque *sou um burro carregado de livros*...

D. ZAMPIERI.

Esboço de uma scena popular.

Ha alguns annos, recordo-me de que ia embarcado n'uma canôa, em demanda do porto da villa da União: o meu remador era um indio robusto, desses que ora se achão confundidos com a massa da nossa população, participando do que se chama entre nós, emphaticamente, *a vida civilisada*.

Joaquim—era o nome do remador, que não deixava de ser, mais ou menos, perito no seu officio.

Desciamos o Parnaliba, por uma manhã fresca e riscaha: descias em qua os pulmões gostão de beber, com uma certa voluptuosidade, o ar do sertão...

Eu seismava, não sei mesmo agora em que; pensava talvez no *Il Cavallazzo* de Veneza,—um dos meus sonhos mais afagados durante toda a minha vida, quasi sempre cheia de mil contradições!

O gondoleiro côr de cobre olhava para as aguas do caudaloso rio, com uma certa expressão indefinivel. De repente, abriu a bocca e modulou lizarramente uma cantiga extravagante, verdadeiramente ampliguri de que ainda me lembro perfeitamente: era assim concebida:

- Entrei na casa da *cpa*,
- Sahi na thesouraria,
- Fallei com uma fidalga
- No meio da fidalguia.

Depois d'esta quadra tão singular, o remador modulou estas duas,—certamente mui graciosas, e tendo de mais a mais o grande merito de formar um sentido perfeito:

- Minha prima, dê-me um beijo,
 - Pelo bem que nos queremos:
 - Não é ouro, não é prata,
 - Que seu pai ache de menos.
-
- Minha prima, dê-me um beijo,
 - Pelo bem que nos queremos:
 - Si houver alguma duvida,
 - Somos solteiros—casemos.

A voz do Joaquim tinha neste ponto tomado inflexões ternas; a pá do remo repousava indolentemente à ilharga da canôa: esta descia suavemente à mercê

da corrente, ajudada tambem por uma briza favoravel... em quanto os braços vigorosos do remador descansavão por um momento,—em quanto o seu pensamento voava talvez, em busca de alguma imagem querida vaporosamente entrevista!...

Quanto ao pobre autor d'estas linhas, o que agora poderá revelar aos leitores, um tanto timidamente, é que as duas supraditas quadras lhe trouxerão à memoria, muito ao vivo, a formidavel *taboca* que lhe passara—com a maior esperteza—uma priminha de côr morena e de bocca pequenina e vermêlha como uma pitanga!...

Theresina 6 de setembro de 1874.

LIVIO DRUSO.

Qual será o mais rico?

I

Com o titulo «FORTUNAS RAPIDAS» publicou o *Pedro II* do Ceará, no 1.º de março d'este anno, o seguinte artigo de noticiario:

—Um jornal americano, dando conta de como certos individuos se transformam em potencias momentâneas, diz o seguinte:

«M. George Lair, que tem 45 annos, era simples jornaleiro nas docas; possui hoje 10 milhões de dollars.

«M. Robert, aos 35 annos, não possuia um centto de dollars; hoje tem 4 ou 5 milhões.

«O celebre armador Vanderbilt tem hoje 50 milhões de dollars. Principiou por transportar legumes em um bote entre Staten Island e Nova York. Reuniu assim dois ou tres mil dollars, que foram a base da sua fortuna.

O petroleo, os fornecimentos militares e a agiotagem com os papéis do estado, foram a origem principal da maior parte destas fortunas colossaes.

II.

Sob a epigraphie «VIJANTE ILLUSTRE» encontra-se no *Diario da Bahia*, de 22 de fevereiro deste anno, a seguinte noticia:

Chegou a Buenos-Ayres, pelo ultimo paquete francez, o celebre Armin Camub, presidente da camara alta japoneza, e um dos homens mais opulentos do Universo. A magnificencia com que se hospedou no hotel da Aguia Dourada, apesar do pequeno numero das pessoas de seu sequito, é signal evidente do luxo a que está habituado: S. A. imperial visitou a Republica Argentina sob a impressão de uma grande desgraça e a pressão de suas consequencias.

Sua mãe Hyazulla, segundo se diz, entregara-se de tal maneira aos perigosos prazeres do jogo e da bebida, que Armin, vendo perigar sua fortuna e sua honra com toda certeza, achou-se na cruel necessidade de estrangular elle mesmo a illustre dama; porém, como depois era indispensavel que abrisse seu proprio ventre, segundo o costume alli seguido, jul-

gou que o unico meio de illudir tão horrivel necessidade era fugir do imperio e começar a viajar.

O principe tem uma physionomia nobre e expressiva e o seu trato affavel desmente muito o vaidoso desdem que se attribue a taes magnatas: o illustre personagem, a que nos referimos, foi convidado pelo presidente Sarmiento para passar alguns dias em Carapachay.

III.

Com o titulo « O HOMEM MAIS RICO QUE SE CONHECE » lê-se no *Aréense* n. 23, de 9 de agosto ultimo:

Uma das grandes fortunas em todo o mundo, realisada em poucos annos, é a de M. Jones, de Nevada, membro do senado dos Estados Unidos, homem o mais rico da America, e talvez do mundo.

Tem um rendimento annual de 6.000:000 de dollars, isto é, de trinta milhões de francos.

Este senador possue a mina de prata a mais rica de todas as conhecidas.

O rendimento mensal desta mina foi ultimamente de 250,000 dollars (um milhão e cem mil francos.)

A descoberta recente de um novo veio na mina, de uma abundancia extraordinaria, faz com que o seu rendimento duplique em pouco tempo.

IV.

Um artigo de noticiario do *Paiz* do Maranhão de 24 de janeiro deste anno, diz o seguinte:

UM CRESO MODERNO.—O homem mais rico de Inglaterra não é Rothschild, mas sim um individuo chamado Ward. Este homem possui uma vastissima propriedade, muitos terrenos e bens que lhe produzem uma renda enorme: tem a melhor casa de Londres, a mais brilhante collecção de artes e as mais formosas casas de campo em todo o reino: sua mulher é celebre pela formosura, e os diamantes que ella ostentou na ultima festa dada pelo imperador da Austria em Vienna, fizeram parecer pobres a todas as outras senhoras, sem exceptuar as imperatrizes, rainhas e princezas.

A renda deste Cresco inglez não é conhecida ao certo, mas dá conta um periodico de Manchester do producto annual que tira de suas minas de carvão e alcança á enorme somme de £ 4:900:000 ou quarenta mil e nove centos contos de reis. A renda deste milionario é superior á de muitos estados e equivalente a metade da do Brazil.

V.

RIQUEZA ESPANTOSA.—Lê-se no *Pedro II* do Ceará de 8 de março ultimo:

Um viajante inglez escrevendo a viagem que ha pouco tempo fizera ao Egypto, diz que o Pachá ou Khédive (Ismail-Pachá) actual representante da antiquissima familia de Mehemet-Ali, é hoje o homem mais rico do universo, tanto em propriedade como em capital, enorme, empregado em grande parte em caminhos de ferro, uns unicamente seus e asso-

ciado em outros, em acções do canal de Suez, em fundos publicos e em um sem numero de empresas.

O seu rendimento annual regula de 50 a 60 mil contos! Mas as suas despezas são tambem enormes,

Diz o viajante que lhe visitara vinte e sete palácios, todos esplendidamente decorados e preparados como se em todos residisse ao mesmo tempo.

O actual Khédive é illustradissimo e muito affavel no trato. Foi educado na Europa, falla correctamente o francez e o inglez e superintende no seu escriptorio como se fosse um dos mais habéis banqueiros allemães. Tem 58 annos e tem dado a mais primerosa educação a seus filhos, o mais velho dos quaes e que será o seu successor, tem 20 annos. É o Khédive tributario da Turquia, mas incomparavelmente mais rico do que o sultão.

O leitor quereria ser Wanderbilt, Jones, Ward ou Ismail-Pachá?

O Carub, assassino da propria mãe, por mais rico que possa ser não deixa de ser um monstro: fóra incivilidade perguntar a pessoas de bem—se por ventura quererão ser eguaes a elle...

Lair e Robert parecem ser ainda principiantes; todavia, o mais modesto dos nossos leitores não desgostaria de ser herdeiro da *terça* d'este ultimo senhor.

O pobre autor destas linhas... contentar-se-hia apenas com um thesouro que fosse egual á fortuna dos seis honrados milionarios acima mencionados: já vêem que não temos grande ambição.

LIVIO DRUSO.

EXTRACTOS.

«Tirai do mundo a mulher, e a ambição desaparecerá de todas as almas generosas. Realidade ou desejo incerto, o amor é o elemento primitivo da actividade interior: é a causa, o fim e o resumo de todos os affectos humanos.»

(*A. Herculanio.*)

«Diminui vossas relações com os homens e augmentai-as com as cousas; ganhareis sabedoria. Para conseguir isto—os meios são o estudo e a vida do campo.»

«Qu'est-ce qu'un philosophe? C'est un homme qui oppose la nature à la loi, la raison à l'usage, sa conscience à l'opinion et son jugement à l'erreur.»

(*Chamfort.*)

A UM CALVO.

- Cabeça, que desconsolo,
- Cabeça, força é dizel-o,
- Por fóra não tens cabelo,
- Por dentro não tens miolo.